

Os telefonemas que valem bilhões

SILVIA FARIA E JOÃO BORGES

BRASÍLIA — Um telefonema do ministro da Educação, José Goldemberg, vale bilhões. Os assessores do Ministério da Economia costumam se referir ao estilo de Goldemberg de telefonar para pedir recursos do rigoroso departamento do Tesouro Nacional, como "telegolds" — um trocadilho que mistura **gold** (ouro em inglês) com o nome do ministro abreviado. A mesma sorte não agraciou ainda o sisudo ministro da Saúde, Adib Jatene, com problemas para pagar os hospitais e combater o cólera. Os dois, ao lado do ministro da Agricultura, Antônio Cabrera; do Desenvolvimento Regional, Angelo Calmon de Sá; e das Relações Exteriores, Celso Lafer, formam um cerco que vem se fechando sobre o ministro Marcílio Marques Moreira, à cata dos escassos cruzeiros na Esplanada dos Ministérios.

Segundo dados do Tesouro, só foram gastos até abril 8% do total do orçamento anual para investimentos e manutenção da máquina administrativa. Fora deste limite estão apenas as transferências constitucionais aos estados e municípios e as despesas legalmente vinculadas. Até a folha de pessoal, se passar do limite programado de receita para o trimestre, tem que ser compensada com redução nos demais gastos.

Na reunião ministerial da semana passada, quando o ministro interino da Economia, Luís Antônio Gonçalves, apresentou os dados com a previsão de crescimento da arrecadação tributária em abril, Goldemberg lhe enviou um bilhetinho: "Ministro, com a melhoria na arrecadação, então está garantido o meu **tele-gold** de Cr\$ 50 bilhões".

O ministro Celso Lafer, apesar de amigo pessoal do dono do cofre, não conseguiu pagar as despesas pendentes de seu Ministério antes da virada do trimestre, quando novas somas são liberadas pelo Tesouro. Ele quitou dívidas em todo o mundo referentes ao aluguel de embaixadas, pagamento de contas de luz, telefones, telex, penduradas por falta de recursos. Mas o ministro Marcílio se manteve irredutível: não antecipou nem um tostão.

Jatene tem manifestado impaciência com seu trabalho no Ministério, comprometido pelo contingenciamento do orçamento. Ele só recebeu Cr\$ 20 bilhões dos Cr\$ 210 bilhões orçados para o combate ao cólera e precisa de Cr\$ 600 bilhões no início do mês para pagar uma fatura mensal aos hospitais conveniados. "Eles pensam (equipe econômica) que no setor de saúde as doenças esperam as verbas para combatê-las", desabafa Jatene.

O ministro Cabrera, pressionado pelo sucesso da grande safra de grãos, procura insistente mente por Cr\$ 400 bilhões para a comercialização da colheita.